

Como de costume, Dona Jaciobá sentou-se à beira do Velho Chico, observando o último suspiro do sol. Crianças, adolescentes e adultos se juntaram a ela para ouvir atentamente mais um *causo* sobre a região. Esse ritual repetia-se todos os dias ao entardecer. Mãe Jaci, como era carinhosamente chamada, narrava fatos vistos e vividos ao longo dos seus 85 anos.

Jaciobá foi encontrada recém-nascida em uma embarcação de pescador, abandonada às margens do São Francisco, em uma cidade chamada Pão de Açúcar, nas Alagoas. O homem que a encontrou entregou-a ao pároco da igreja, que a batizou de Jaciobá — Espelho da Lua — uma homenagem ao primeiro nome do povoado.

Jaci foi criada na própria igreja por um e outro que se dispunham a dar-lhe atenção, sempre sob a supervisão do padre. Até que, pouco antes de completar 13 anos, um casal de viajantes se encantou pela menina e a levou consigo, em uma longa peregrinação ao longo do curso do rio. Deve vir daí sua inspiração para as muitas histórias.

Jaci morou em Piranhas, nas mesmas Alagoas onde nasceu, migrou para Pirapora em Minas Gerais, outros dois destinos baianos, Bom Jesus da Lapa e Juazeiro. Por fim, foi para Petrolina, em Pernambuco, onde conheceu o amor de sua vida e ficou. "Nesta terra eu fico até quando Deus me levar", costuma dizer. O pessoal da região conta que ela tem o "ventre seco", nunca conseguiu gerar. Mas seu coração enorme adotou as crianças da região e hoje vive cercada de filhos, netos e até bisnetos.

Seguiu sempre o curso do Velho Chico e sua gente. Quando perguntavam a qual profissão se dedicava, respondia: contadora de vidas. Certamente observou muito e viu muitas histórias. A única que se recusava a comentar era a sua própria. Por causa do mistério e da maldade inerente aos curiosos, várias versões sobre sua

vida foram inventadas. Diziam que ela era filha de uma prostituta e foi encontrada em um bordel lá para as bandas de Minas Gerais. Falavam também que era filha do padre que a criou e ele, com vergonha, disse que havia sido deixada em sua paróquia. Outros diziam que ela simplesmente não sabia nada sobre sua origem.

O fato é que ela só contou histórias alheias até o dia da morte de seu marido. Quando ele morreu, viveu um luto intenso, trancafiada em sua casa por um mês até que num domingo a tarde, como se nada houvesse acontecido, voltou a colocar sua cadeirinha à beira do São Francisco.

"Meus filhos", ela começava assim. E como sempre, sem deixar que a interrompessem, disse que contaria a história mais especial de sua vida:

"Maria era filha do rio. Sua mãe lavava roupas nas águas do velho Chico e do rio seu pai também tirava o alimento da família. Os pescados alimentavam Maria e seus quatro irmãos e o restante ia para a feira do povoado. Do São Francisco também vinha a água que irrigava a horta da família. Além de peixe, havia sempre algumas verduras e legumes e quando a sorte ajudava uma carne de bode.

Quando criança, misturava-se às outras, correndo pelo Sertão, embaixo do sol quente, brincando com os jumentos da região e tomando banho nas águas refrescantes do Rio. Na adolescência, começou a se destacar entre as meninas. Antes mesmo de completar 15 anos, tornou-se dona de curvas generosas numa pele morena impossível de passar despercebida, com longos cabelos escuros em contraste com olhos da cor do mar. Atraiu a inveja das meninas e o suspiro dos rapazes.

Maria foi criada para rezar, assim decidiu sua mãe quando a batizou com o nome da virgem. Mas a vida deu destino contrário à menina. Na região, realmente não havia ninguém com beleza igual a de Maria. Por seu corpo e rosto perfeitos, logo

correram pelo pequeno povoado boatos colocando em dúvida seu comportamento. Homens suspiravam ao vê-la passar, o que incitava a inveja de noivas, esposas e namoradas.

Foi então que em uma noite de lua cheia, ao dar uma volta pela cidade para aliviar o calor, foi surpreendida por Inácio. Sentiu o cheiro da cachaça de longe, tentou desviar do caminho do homem, mas ele foi mais rápido e pegou firme em seu braço. Ela tentou se desvencilhar, porém, mesmo completamente embriagado, acabou sendo mais forte do que ela. Conseguiu empurrá-la contra a parede de um beco escuro onde tomou forçadamente sua virgindade... Sua sorte, ou azar, é que Dona Antonieta, a mulher mais fofqueira da cidade e melhor amiga da esposa de Inácio, surpreendeu-os naquele ato que infelizmente não deixava claro se era por gosto ou imposição. Quando percebeu a presença da senhora, Inácio derrubou a pequena Maria no chão e saiu a passos largos de volta pra casa.

Maria voltou para casa e, com medo, não disse nada aos pais. No dia seguinte, contudo, já era tarde para se defender. O fato espalhou-se como areia ao vento... Inácio inverteu a história e disse que foi seduzido por Maria. As mulheres da cidade ficaram indignadas, dispostas a linchar a pobre menina. Foi então que, sem saída, a mãe de Maria arrumou uma trouxa de roupas e, saindo pelo fundo da casa, escondida das mulheres em polvorosa, colocou Maria na boleia de um caminhão e a pequena partiu sem destino, largada à própria sorte.

O caminhão viajou durante dias até que Maria se cansou dos restos de comida que encontrava nas paradas do caminhão e decidiu descer definitivamente. Não tinha a menor noção de onde estava. Como era dia, caminhou sem rumo. Fez isso durante algum tempo à beira da estrada, mas toda vez que um caminhoneiro lhe oferecia carona com olhar de desejo ela se embrenhava no mato, até que se perdeu e decidiu

caminhar a esmo.

Caminhava durante o dia e descansava durante a noite. Foram incontáveis dias. Numa das manhãs, ao despertar, descobriu a nascente de um rio e lá ficou. Solitária, chorava todas as noites e suas lágrimas salgadas misturavam-se às águas da nascente. Decidiu então acompanhar o curso do rio. Os dias passavam e sua barriga crescia. Tinha apenas 15 anos, não compreendia a gravidade do mal que Inácio havia lhe feito.

Acompanhando o curso do rio, chegou a Bom Jesus da Lapa, em dia de romaria. Na gruta de pedra, pediu por sua sorte e seguiu. Em cada cidade ribeirinha por que passava, era acolhida por pessoas com alguma comida e muitas vezes pousada. Mas Maria sentia que ainda não era hora de parar, e prosseguia.

Na igreja matriz de Petrolina, orou com ainda mais fervor, o que lhe rendeu forças para prosseguir. Passou por Juazeiro, também em plena romaria, e lá pediu a Nossa Senhora das Dores que clareasse o seu destino. E seguiu.

Chegou a um vilarejo chamado Piaçabuçu, já quase amanhecendo. Sentiu fortes dores em seu ventre e não conseguiu conter o gemido. Foi então que um pescador que navegava por aquelas águas a avistou e prontamente a socorreu. Disse a Maria, que em breve a criança viria ao mundo e deveriam ir à cidade mais próxima. Colocou-a na embarcação, mas a criança estava com pressa e ali mesmo nasceu.

O pescador, desorientado, não sabia o que fazer. Maria pegou a criança nos braços e a afagou. Lavou o sangue, com um facão cortou o cordão umbilical e envolveu a pequenina em seus trapos de roupa. Disse ao pescador que enfim sabia o que fazer. Pediu que a levasse a um lugar que havia visto em sonho, numa das noites solitárias ao percorrer o rio. Descreveu como sendo um encontro do rio com o mar, com dunas douradas, formando um delta de coqueiros, onde há imensas lagoas de

águas azuis.

O pescador identificou o local: a foz do São Francisco. Aflito, confiando na segurança das palavras de Maria, para lá seguiu com o barco.

O sol nascia e o rio morria no mar, o cenário mais belo que Maria presenciou. E foi o último... Só houve tempo de colocar a criança nos braços do pescador e desfaleceu, descanso final de sua jornada...

Sua curta vida foi cheia de obstáculos, como acontece no caminho de um rio. Nasceu pequena e frágil e foi ganhando força ao longo do trajeto. Passou por cima de duras pedras em seu caminho, mesmo assim soube dar afago. Dos ribeirinhos recebeu ódio e afeto, como o Velho Chico. Seguindo o curso, encantou com sua beleza e foi morrer na foz. Mas renovou sua vida na figura de uma doce criança, assim como a vida se renova a cada dia no São Francisco quando nascem suas águas, matas e fauna.

Dizem que o pescador, assustado, abandonou o barco com a criança dentro em uma cidade ribeirinha, perto de uma Paróquia. E dizem também que ela foi salva por um grande coração."